



MANOBRA COLLECHIO-FORNOVO DI TARO: A INFANTARIA MOTORIZADA E A EVOLUÇÃO DA ARTE DA GUERRA

Carlos Eduardo Gomes de Queiroz



Resumo: A Segunda Guerra Mundial teve como Teatros de Operações a Europa, o Norte da África e os Oceanos Pacífico e Atlântico, abarcando ponderável porção do globo terrestre e muitos países nos cinco continentes. Após um processo de intensas negociações políticas, econômicas e ideológicas, o Brasil decidiu por enviar tropas, aviões e navios militares para lutarem em solo italiano e no Atlântico Sul. Apesar do vulto e da magnitude para o Brasil, um país, à época, notadamente agrícola, distante da Europa, com Forças Armadas modestas e governado por um ditador, a historiografia sobre a sua participação direta e efetiva no conflito na Europa dá pouca ênfase em certas batalhas. O autor ficou instigado com a Batalha de Collecchio-Fornovo quando, no ano de 1995, tomou conhecimento de um livro de autoria sul-africana, encontrado em uma biblioteca de Johannesburgo (África do Sul), no qual era destacada a referida batalha. Atualmente, constata-se que o sítio eletrônico Wikipedia editável nos Estados Unidos da América é muito mais rico em detalhes do que o brasileiro. Sendo assim, o presente trabalho tem por objetivo geral identificar que, durante a manobra para conquistar sucessivamente as localidades italianas de Collecchio e de Fornovo di Taro, a Força Expedicionária Brasileira, durante a Segunda Guerra Mundial, dotou a sua infantaria de meios motorizados para realizar ações táticas, fato inédito na doutrina militar brasileira e que, por conseguinte, inovou para contribuir para a evolução da arte da guerra. Para tanto, foi realizada uma investigação qualitativa, por meio de uma revisão bibliográfica, para esclarecer, inicialmente, do que se trata doutrina militar, sobre a dotação de efetivo e de meios blindados e motorizados da 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária, sobre a evolução da doutrina militar no Brasil até 1945 e sobre as operações militares conduzidas pelo general Mascarenhas de Moraes e seu estado-maior, particularmente as que tiveram palco as duas cidades italianas mencionadas. Para tanto foram destacadas definições de doutrina militar, consideradas como de relevância, e foram utilizadas obras que tiveram o cuidado de pesquisarem em fontes primárias, entre depoimentos, documentos oficiais e relatos dos pracinhas, inclusive dos comandantes militares nacionais e dos comandantes enquadrantes para descreverem os fatos acontecidos no período compreendido pelos anos de 1943 a 1945.

Palavras-chave: Doutrina militar; Segunda Guerra Mundial; Força Expedicionária Brasileira; Collecchio-Fornovo di Taro; Infantaria Motorizada; Arte da Guerra.

Abstract: The Second World War was fought in Europe, North Africa and the Pacific and Atlantic Oceans, covering a considerable portion of the globe and many countries on the five continents. After a process of intense political, economic and ideological negotiations, Brazil decided to send troops, planes and military ships to fight on Italian soil and in the South Atlantic. Despite the scale and magnitude for Brazil, a country at the time, notably agricultural, far from Europe, with modest armed forces and governed by a dictator, the historiography on its direct and effective participation in the conflict in Europe places little emphasis on certain battles. The author became interested in the Battle of Collecchio-Fornovo when, in 1995, he became aware of a book by a South African author, found in a library in Johannesburg (South Africa), which highlighted the battle. Today, the Wikipedia website that can be edited in the United States is much richer in detail than the Brazilian one. The general aim of this study is therefore to identify that, during the maneuver to successively conquer the Italian towns of Collecchio and Fornovo di Taro, the Brazilian Expeditionary Force, during the Second World War, equipped its infantry with motorized means to carry out tactical actions, an unprecedented fact in Brazilian military doctrine and which, consequently, innovated to contribute to the evolution of the art of war. In order to do this, a qualitative investigation was carried out by means of a bibliographical review to clarify, initially, what military doctrine is all about, the manpower and armored and motorized resources of the 1st Expeditionary Infantry Division, the evolution of military doctrine in Brazil up until 1945 and the military operations conducted by General Mascarenhas de Moraes and his staff, particularly those that took place in the two Italian cities mentioned. For this purpose, definitions of military doctrine, considered to be relevant, were highlighted, and works were used that took care to research primary sources, including testimonies, official documents and reports by the squares, including the national military commanders and the commanders in charge, to describe the events that took place in the period from 1943 to 1945.

Keywords: Military doctrine; World War II; Brazilian Expeditionary Force; Collecchio-Fornovo di Taro; Motorized Infantry; Art of War.



INTRODUÇÃO

Para a execução da Operação Overlord, de desembarque anfíbio massivo para a invasão da Europa pela Normandia-França, o Alto Comando aliado, a partir do outono de 1943, passou a concentrar os meios necessários o sul da ilha da Grã-Bretanha. Para tanto, as principais tropas anglo americanas, experimentadas nos combates no Norte da África e na Sicília, foram sendo retiradas da frente italiana e deslocadas para a Inglaterra. Em substituição a essas tropas, foi montado um exército que se pode considerar como o mais diversificado e multiétnico que se possa lembrar ou pesquisar durante as eras Moderna e Contemporânea.

Concluídas as referidas movimentações das tropas aliadas, a ordem de batalha aliada na Itália era composta por unidades de diversos valores, congregando ingleses, americanos, indianos, poloneses, maoris da Nova Zelândia, gurkhas nepaleses, canadenses, franceses, marroquinos, italianos (do Corpo de Libertação Italiano), sul- africanos, australianos, gregos e judeus palestinos.

Com a chegada da 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária (1ª DIE) no porto de Nápoli-Itália, juntamente com o 1º Grupo de Aviação de Caça, bem como as demais tropas não divisionárias brasileiras, no verão de 1944, inicialmente denominado como Primeiro Escalão da Força Expedicionária Brasileira (FEB), ela foi adicionada a esse desdobramento de forças na península italiana. O comandante da 1ª DIE era o general João Baptista Mascarenhas de Moraes.

Após um período de adaptação, recebimento de novos meios de emprego militar e de complementação do seu adestramento, a FEB foi incluída no IV Corpo de Exército, comandado pelo general Willis Dale Crittenberger, do V Exército, este sob o comando do igualmente norte-americano Gen Mark Clark.

Em seguida, os brasileiros foram deslocados para o vale do rio Serchio, a fim de contribuir para o rompimento da Linha Gótica alemã. A conquista da cidade de Bolonha marcava o rompimento da linha defensiva tedesca.

Nos dias em que aconteceu a batalha em questão, pelas localidades de Collecchio e de Fornovo di Taro, o general Mark Clark havia sido promovido ao cargo de comandante do XV Grupo de Exércitos e o commando do V Exército passou a ser do também americano-do-norte Lucien Truscott. O comandante do Teatro de Operações do Mediterrâneo era o britânico marechal Sir Harold Rupert Leofric George Alexander.

Em Massarosa, na província de Lucca, a FEB recebeu o batismo de fogo em 16 de setembro de 1944. A partir daquele momento, os “pracinhas”, ostentando o seu símbolo – uma cobra fumando –, foram empregados permanentemente na frente dos Apeninos, uma das mais difíceis e menos celebradas da Segunda Guerra Mundial.

Quando a primavera de 1945 chegou e a Linha Gótica ficou decisivamente comprometida, a 1ª DIE havia atacado e conquistado a vila de Montese. De acordo com o general do Exército Brasileiro, Luiz Eduardo Rocha Paiva (na reserva), Montese foi a parte mais significativa da ação brasileira. “O ataque começou às 9h35, do dia 14 de abril de 1945, feito pelo 11º Regimento de Infantaria, de São João Del Rei, e se prolongou até às 15 horas”¹. Para ele, a conquista de

¹ In Batalha de Montese: 70 anos da histórica atuação brasileira em um dos mais sangrentos combates da II Guerra. Disponível em: <<http://folhamilitaronline.com.br/batalha-de-montese-70-anos-da-historica-atuacao-brasileira-em-um-dos-mais-sangrentos-combates-da-ii-guerra/>>. Acessado em 18 de jun. 2020.



Montese foi significativa porque marcou o rompimento definitivo das linhas inimigas Gótica e Gengis Khan.

Para além da conquista de estratégica importância, Montese sinalizou o domínio da técnica de combate em ambiente urbano pelos brasileiros, crucial para os combates que ainda estavam por vir, pelas localidades de Collecchio e de Fornovo. O comandante do IV Corpo de Exército, general Crittenberger, diante dos resultados obtidos pela posse de Montese, declarou: “na jornada de ontem, 14 de abril, só os brasileiros mereceram as minhas irrestritas congratulações; com o brilho do seu feito e seu espírito ofensivo, a Divisão Brasileira está em condições de ensinar às outras como se conquista uma cidade”².

Após o feito em Montese, no final de abril de 1945, o Comando brasileiro estava na planície Emiliana, entre as cidades de Modena e de Bolonha, sendo esta o objetivo do V Exército, com a intenção de perseguir os nazistas, haja vista as fortes evidências de que as tropas do Eixo estavam realizando uma retirada em direção ao vale do rio Pó.

Foi assim que, na manhã de 26 de abril, vindas de *Reggio Emilia*, as vanguardas da FEB entraram em Parma, pela Via Emília (nº 9), com vistas a manter o contato com a força inimiga em retirada, e prosseguiram em direção à localidade de Collecchio, à cavaleiro do rio Taro.

Para imprimir a velocidade indispensável para obter o efeito desejado, o comandante da FEB, general Mascarenhas de Moraes, com seu estado-maior, teve que buscar os meios necessários para o sucesso na ação tática e evitar que os alemães e italianos fascistas pudessem acessar a vasta planície do rio Pó e entrassem de volta em território alemão pelo Passo de Brenner.

A DOCTRINA MILITAR BRASILEIRA

Para Albino (2005, p. 91-92), a doutrina militar serve para definir “todos os aspectos da vida militar”, incluindo os aspectos administrativos e organizacionais, bem como a estratégia e a tática. A amplitude do termo chega até aos aspectos imateriais e de grande valor para a ética militar, principalmente os valores militares.

Fragoso (1959, p. 4), pensador militar brasileiro, deu a seguinte definição, empregada no final dos anos de 1950 pela Escola Superior de Guerra:

Um conjunto de elementos básicos, de princípios militares de guerra adequados, processos e normas de comportamento que sistematizam e coordenam as atividades do Poder Militar da Nação, para realizar as ações estratégicas e táticas, a fim de fazer face às hipóteses de Guerra admitidas.

No ambiente do Ministério da Defesa brasileiro, o Glossário das Forças Armadas define Doutrina Militar nos seguintes termos:

Conjunto harmônico de idéias (sic) e de entendimentos que define, ordena, distingue e qualifica as atividades de organização, preparo e emprego das Forças Armadas. Englobam, ainda, a administração, a organização e o fun-

² Disponível em <<https://www.defesa.gov.br/noticias/15466-batalha-de-montese-70-anos-da-historica-atuacao-brasileira-em-um-dos-mais-sangrentos-combates-da-ii-guerra>> Acessado em 09 de jan. 2020.



cionamento das instituições militares (Brasil, 2007b, p. 86).

E logo adiante, verifica-se a definição de Doutrina Militar de Defesa:

Parte da doutrina militar brasileira que aborda as normas gerais da organização, do preparo e do emprego das Forças Armadas, quando empenhadas em atividades relacionadas com a defesa do País. Seus assuntos relacionam-se diretamente com a garantia da soberania e da integridade territorial e patrimonial do país, além da consecução dos interesses nacionais (Brasil, 2007a).

Bellintani (2009, p. 88) faz uma interessante conjugação entre Doutrina Militar e Doutrina de Guerra – ou, como se prefere referir nos dias atuais: Doutrina de Defesa –, ao entender que existe uma complementariedade entre elas:

A doutrina militar é muito mais que um conjunto de regras práticas, embora esteja consubstancialmente subjacente aos regulamentos militares, [...] ela reflete o pensamento da época, as preocupações, os interesses, a organização administrativa do exército, a mobilização, a disponibilização dos meios, a compra de material, a instrução, as conferências, os cursos, enfim, todo envolvimento diário da força. A doutrina militar fornece as bases para a doutrina de guerra e esta, por sua vez, passa a orientar a doutrina militar, havendo entre elas uma relação de complementariedade.

Dentro do campo doutrinário da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), verifica-se um direcionamento para definição de doutrina militar como “princípios fundamentais pelos quais as forças militares guiam suas ações em apoio a objetivos. Ela é autorizativa, mas requer julgamento em sua aplicação”³.

Há de se diferenciar doutrina militar de estratégia militar. Muito sinteticamente, a última define *o que fazer*, diante de um quadro ou situação de beligerância militar, para a consecução dos objetivos determinados. Enquanto a doutrina define *o como fazer*.

Seguem alguns conceitos e expressões considerados de relevância para o pleno entendimento de ações e eventos de outrora, mas que necessitam ser atualizados nos seus aspectos do léxico:

Ação tática – Toda ação de combate que implica em movimento tático e articulação, seja de peças de manobra, de elemento de apoio ao combate ou de ambos, necessária à execução de uma operação militar, podendo a tropa que a empreender combater ou não (Brasil, 2017b, p. 17).

Concentração estratégica – Ação estratégica militar que consiste na reunião dos meios operacionais em determinadas áreas geográficas, de onde devem se deslocar para a execução de operações ulteriores, dentro de um determinado propósito de emprego (Ibid., p. 62).

Deslocamento estratégico – Movimento de amplitude estratégica que tem por objetivo a condução de forças militares para a área de concentração estratégica e seu deslocamento para re-

³ OTAN. AAP-6, NATO GLOSSARY OF TERMS AND DEFINITIONS (2012). Disponível em: <<http://migre.me/oAKrV>>. Acessado em: 13/02/2015. p. 2-D-9, apud, ALBINO, op. cit., p. 15.



giões de onde devam iniciar operações militares ou onde se faça necessária sua presença (Ibid., p. 81).

Estratégia operacional – Arte de deslocar, desdobrar, preparar e empregar as forças armadas, visando a atender, nas melhores condições, aos objetivos que lhes forem designados. Tem por finalidade aplicar forças em uma operação para atingir os objetivos fixados pela estratégia militar, conciliando-as com as possibilidades táticas e técnicas dos meios, buscando superioridade no momento e local desejados, usufruindo a liberdade de ação (Ibid., p. 100).

Neste artigo, assim como em Albino (2015) e em função do foco do presente estudo, são enfatizados, conforme as sucessivas doutrinas militares adotadas pelos brasileiros, os aspectos organizacionais e de comando e a organização de uma divisão de infantaria.

DA INDEPENDÊNCIA ATÉ A MISSÃO MILITAR FRANCESA – DE 1822 A 1920

Pelas fontes consultadas, Albino (Ibid.) chegou à conclusão que ficou obscura a situação de existência ou não de uma doutrina militar formal, formulada por uma escola nacional ou copiada de forças armadas estrangeiras, durante este espaço temporal. Contudo, o autor verificou que existem três opiniões diferentes sobre o assunto.

A primeira foi emitida pelo marechal Humberto de Alencar Castelo Branco⁴, ao afirmar que “Durante o Império não havia propriamente uma preparação doutrinária, mas havia uma mentalidade para guerrear, robustecida pela coerência e a atuação da nossa política externa” (Castelo Branco, 1968, p. 250).

Coelho não apenas corrobora com o pensamento do ilustre militar e antigo presidente da República, como acrescenta que o Exército Brasileiro somente chegou a uma organização doutrinária completa nos idos da Revolução de 1930 e do Golpe de 1937, nos seguintes termos:

A fase iniciada em 1930 foi denominada de institucional não só porque o exército tornou-se uma unidade ativa, mas sobretudo porque completou-se o processo pelo qual ele deixou de ser mera “organização” para transformar-se em “instituição” na consciência de seus membros (Coelho, 2000, p. 128).

Um olhar crítico sobre as influências positivistas no Exército norteia o segundo grupo de autores sobre o assunto. Bellintani (2009) ressalta que a “Doutrina Positivista”, criada pelo pensador francês Auguste Comte e difundida na Escola Militar da Praia Vermelha pelo tenente-coronel Benjamim Constant, como a doutrina de fato do Exército até 1920, de tal forma que a ação desses militares adeptos foi crucial para a Proclamação da República em 1889. E Bellintani prossegue ao indicar que o Positivismo surgiu e cresceu no ambiente militar como uma forma de preencher uma percebida falta de identidade institucional da força terrestre nos meados do século XIX (Ibid., p. 65).

⁴ Oficial de Operações (E3) da 1ª DIE/FEB e, posteriormente, presidente da República de 1964 a 1967.



A terceira vertente, ainda segundo Albino (2015), discorre sobre a clara influência do Exército Alemão, resultado dos grupos de turmas de oficiais enviados para estagiar na Alemanha, das quais se destaca a formadora do grupo conhecido como *Jovens Turcos*. A influência alemã não era apenas sentida no Brasil, ela era proeminente no pensamento militar mundial, especialmente depois da Guerra Franco-Prussiana de 1871.

Nesta oportunidade, vê-se como interessante fazer uma breve referência às atividades de atualização do Exército desencadeadas pelo então ministro da Guerra João Nepomuceno Mallet, que, em seus relatórios de 1900 e 1901, demonstrou substancial conhecimento das novidades do Campo Militar na Europa, como pode-se constatar:

Os cursos completos sobre cada uma das especialidades, feitos com todo o método e aproveitamento; o ensino teórico, ainda que simples e limitado às atribuições que serão confiadas aos diversos comandos de maiores ou menores unidades; - não são suficientes para obter todos os benéficos resultados que podem ser colhidos da aplicação prática dos princípios e regras da tática e da estratégia, por mais racionais e lógicos que sejam. É necessária que o indivíduo tenha ocasião de observar, de aplicar, de fazer, por iniciativa própria, acertando, melhorando, cometendo erros e corrigindo-os, para que, volvendo aos estudos de gabinete, compare o que executou e ordenou, o que viu enfim, com o que devia ter executado e ordenado. Da reflexão, da meditação, surgirão outras ideias, úteis e valiosas, que gravadas firmemente em sua memória, formarão o verdadeiro contingente de conhecimentos, o cabedal técnico-prático de que disporá eficazmente nos momentos difíceis da ação (Brasil, 1900, p. 4-5).

McCann (2007, p. 110) ressalta que “Provavelmente a maior contribuição de Mallet para o pensamento militar brasileiro tenha sido sua insistência na necessidade de constantes manobras de treinamento para criar um verdadeiro exército”.

Apesar das três vertentes dos estudos já realizados e diante da apropriada definição de doutrina militar, não se pode afirmar com a absoluta certeza de que ela existia ou não no período, ao menos de forma acadêmica, posto que a Marinha e o Exército já acumulavam nos seus históricos muitas batalhas, alguns conflitos regionais, várias ações de repressão a movimentos de sedição e foram vitoriosos ao liderarem a Tríplice Aliança em resposta às agressões paraguaias no conflito de grande envergadura na bacia do rio da Prata, nos anos de 1864 a 1870.

O planejamento estratégico concebido pelo Duque de Caxias, expresso nitidamente na Manobra do Piquissiri, e as ações operacionais e táticas desenvolvidas nos respectivos níveis de comando permitem vislumbrar que o Exército soube *o que fazer* para derrotar as forças oponentes lideradas pelo ditador Solano López.

Em razão do período compreendido, não é minimamente razoável ventilar alguma ideia do uso de meios motorizados para o combate aproximado, apesar de viaturas e aviões terem sido utilizados para fins militares à época, notadamente na Guerra do Contestado, de 1912 a 1916.



DA MISSÃO MILITAR FRANCESA ATÉ A ADOÇÃO DA DOCTRINA MILITAR NORTE-AMERICANA – DE 1920 A 1945

Com a finalidade de cumprir o objetivo deste trabalho, torna-se basilar discorrer sobre a aquisição da doutrina militar pela França no período imediatamente anterior ao início dos trabalhos da Missão Militar Francesa no Brasil, a partir de 1920.

A Primeira Guerra Mundial foi uma guerra eminentemente estática, com posições defensivas fixas e, portanto, baseada em redes de fortificações e trincheiras. As vitórias resultaram de um planejamento rigoroso, execução precisa e do emprego dos princípios de guerra da massa e da unidade de comando.

Excetuando-se o período inicial da guerra, na chamada “Corrida para o Mar”⁵, os exércitos franceses e seus generais não tiveram nenhuma oportunidade de aplicar os princípios da guerra de movimento que seus manuais até então preconizavam.

Além disso, era claro o fato de que a França só havia ganhado a guerra com o apoio dos seus aliados. Portanto, a mentalidade militar francesa, à partir de meados da década de 1920, se direcionou para o comprometimento com uma defesa sólida, com três objetivos: impedir o inimigo alemão de ocupar território francês, protegendo assim as regiões industriais e produtoras de matérias-primas, onde seriam produzidos os materiais que eram a chave da vitória; garantir o tempo necessário para convocar e preparar as massas de reservistas; tempo esse que também seria necessário para que os aliados da França colocassem em campo as suas forças em apoio à estratégia francesa:

Simultaneamente com o entrenchamento auto imposto, as autoridades militares acreditavam que, se uma guerra europeia viesse de novo a ocorrer, sua característica seria a de desgaste. As memórias da exaustão e dos motins do exército francês de 1917 ainda estavam tão frescas quanto o exemplo da importância das forças americanas para a derrota da Alemanha em 1918. A vitória em um novo embate iria requerer outra coalizão multinacional que desfrutasse de resiliência econômica e de imenso potencial de poderio armado. Para a França, este último consistia, em parte, nas suas indústrias mobilizadas e, finalmente, nas ações diversionárias desenvolvidas por seus aliados no centro e no leste da Europa (Bond; Alexander, 2002, p. 177).

Como não poderia deixar de ser, esse foco nas operações defensivas se converteu na escolha do equipamento e organização da tropa. No caso francês, isso significou a perda da mobilidade e da flexibilidade em campo de batalha. Segundo Castelo Branco (1968, p. 246),

[...] a doutrina estabelecia a concepção de uma guerra estática, caracterizada por uma frente fixa, contínua, ao longo da fronteira, destinada a esperar

⁵ No período de setembro e novembro de 1914, os exércitos adversários buscaram flanquear um ao outro. A “chegada” foi na costa da Bélgica, formando a linha contínua de trincheiras que caracterizou o *Front Ocidental*.



o alemão invasor, sem mesmo cuidar de ir ao encontro do inimigo. Até a aviação seria empregada somente para interceptar e não para atacar.

A organização da divisão de infantaria francesa basicamente não se diferenciava dos demais exércitos: terciária ou triangular. Ela diferenciava-se pela constituição das tropas divisionárias ou unidades complementares: dois regimentos de artilharia e um batalhão de reconhecimento.

Conforme preconizava a doutrina militar de então, a infantaria era o elemento principal das ações, devidamente apoiada pelo máximo de poder de fogo. Os carros de combate eram considerados, de igual forma, como apoio à manobra da infantaria.

No início da década de 1930 ocorreram mudanças na doutrina francesa. Planejadores militares franceses, sob o comando do general Maxime Waygand, então chefe do Estado-Maior do Exército Francês em 1931, formaram as primeiras divisões mecanizadas leves (*Divison Legere Mecanique* – DLM). Eram compostas de veículos de reconhecimento, carros de combate leves, infantaria motorizada e artilharia auto-rebocada. Pela descrição feita por House, esse novo modelo de divisão assemelhava-se a uma divisão de cavalaria:

[...] era bastante semelhante à Divisão Panzer alemã que estava sendo desenvolvida na mesma ocasião. Ainda assim, Waygand era um homem de cavalaria e foi politicamente mais fácil justificar uma força de defesa disfarçada que uma unidade de assalto blindada ofensiva. Como resultado, as quatro DLM terminaram por receber missões padrão da cavalaria de reconhecimento e segurança, em vez de missões principais de forças mecanizadas em combate (House, 2008, p. 121).

Entretanto, essa nova estrutura divisionária não chegaria ao Exército Brasileiro no contexto da Missão Militar francesa, muito provavelmente pelo fato de que se buscou implantar no Brasil rural daqueles anos uma divisão mais viável, realista e compatível com a capacidade econômica e industrial do país.

Por outro lado, Albino (2015) escreveu que os militares norte-americanos não perpetuaram o modelo tradicional de doutrina militar, pela qual venceram a Primeira Guerra Mundial. Os pensadores militares norte-americanos tiveram a percepção das novas tecnologias surgidas na Grande Guerra e seus impactos na arte da guerra, passando a formular uma nova doutrina. O referido autor destaca que essa reformulação foi dividida em dois períodos, em face dos seus influenciadores, uma de 1920 a 1925, com o general John Pershing sendo o orientador, e a outra de 1936 a 1940, na qual os protagonistas foram os generais Malin Craig e Leslie McNair⁶. Os três oficiais generais tinham experiência em combate, além de serem experimentados planejadores e organizadores; em 1920 iniciaram o processo de reformulação das forças armadas.

O general Pershing (Vandiver, 1977), como chefe do Estado-Maior do Exército norte-americano, deu início a uma série de estudos partindo do pressuposto de que a guerra de trincheiras

⁶ Os três se graduaram na Academia Militar dos Estados Unidos em West Point (Nova Iorque): Pershing se formou em 1886, Craig em 1898, e McNair, em 1904.



preconizada pelos franceses, com amplo uso de fortificações, não era praticável pelos EUA, em decorrência de seu ambiente operacional doméstico, com amplas dimensões continentais. Outro ponto de divergência era a tradição militar estadunidense, da liberdade dos oficiais em cumprirem as ordens de seus superiores conforme o seu poder discricionário, ou seja:

O comandante toma decisões para sua unidade como um todo, e define missões para as unidades subordinadas em apoio à essa decisão são comunicadas aos subordinados por ordens claras e concisas, que lhes deem a liberdade de ação apropriada ao seu conhecimento profissional, à situação, sua confiabilidade, e do espírito de unidade desejado (USA, 1941, p. 29).

Estas diferenças doutrinárias eram cruciais, posto que os franceses concentravam o poder decisório nos comandantes das grandes unidades, tolhendo sobremaneira o poder decisório dos demais níveis de comando subordinados, particularmente nas decisões em que envolviam condutas, as quais não tinham como esperar a efetiva comunicação com seus escalões superiores a fim de obter novas ordens ou ordens fragmentárias.

A divisão de infantaria norte-americana foi o resultado final das reformas dos generais Craig e McNair, em 1941. Uma divisão ternária, composta de três regimentos de infantaria e uma unidade de artilharia divisionária (Figura 1).

A preocupação com a mobilidade resultou em poder de fogo mais reduzido, em comparação com a francesa, que previa duas unidades de artilharia; entretanto, essa organização proporcionava flexibilidade no uso das peças de manobra, de forma que uma divisão poderia ser reforçada ou receber outros meios para cumprir missões específicas:

A infantaria é capaz de ação independente limitada através do emprego de suas próprias armas. Seu poder ofensivo diminui consideravelmente quando sua liberdade de ação é limitada ou é confrontada por uma posição defensiva organizada. Sob essas condições, ou contra uma força de armas combinadas, o poder de fogo limitado com o apoio de artilharia, carros de combate, aviação de combate e outras armas. O poder defensivo da Infantaria alcança seu máximo quando esta ocupa uma posição defensiva organizada ou quando a liberdade de ação do inimigo é restrita (Ibid., p. 5).

Em relação ao emprego dos meios motorizados por uma divisão de infantaria, o general McNair buscou atender à movimentação estratégica em detrimento da tática, haja vista os problemas logísticos que uma unidade totalmente motorizada gerava. Assim, McNair previu um número de viaturas ao mínimo, somente suprimentos e munições necessários para apenas 24 horas de combate. Conforme o quadro tático apresentado, a infantaria poderia aumentar a sua mobilidade ao receber apoio de uma unidade de transporte ou mesmo de carros de combate; ou, ainda, movimentar-se usando as viaturas da artilharia orgânica, com o sacrifício do poder de fogo desta.

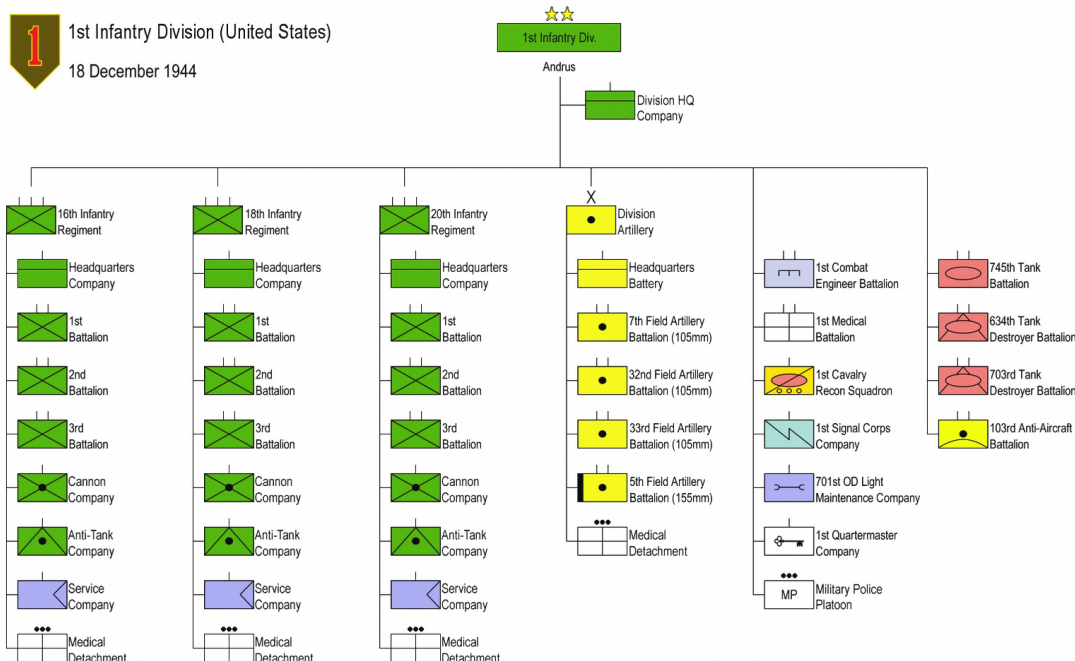


Figura 1 – Organograma da 1ª Divisão de Infantaria dos EUA em dezembro de 1944

Fonte: https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/5/55/1st_US_Infantry_Division_WWII.png

Portanto, ao realizar uma visita à doutrina francesa e à norte-americana que subsidiaram a brasileira e, particularmente, orientaram a 1ª DIE, verifica-se que a utilização de viaturas motorizadas pela infantaria para ações táticas não era especificamente doutrinária, a não ser para atender uma arriscada excepcionalidade.

A FORÇA EXPEICIONÁRIA BRASILEIRA - ORGANIZAÇÃO E DOTAÇÃO DE PESSOAL

A Portaria Ministerial nº 47-44, do dia 9 de agosto de 1943, criou a Força Expedicionária Brasileira e deu a composição da 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária, estabelecendo as primeiras normas gerais.

Em seguida, o Boletim Reservado do Exército nº 16, do dia 13 seguinte, determinou quais unidades existentes deveriam compor o primeiro escalão da FEB, e as novas formações a serem criadas. A composição foi a seguinte (Brasil, 1945, p. 9):

a) Comando e Estado-maior da 1ª DIE.

b) Infantaria: composta pelo Comando da Infantaria Divisionária (general de brigada Euclides Zenóbio da Costa) e três regimentos: o 1º Regimento de Infantaria (Regimento Sampaio, sediado



na cidade do Rio de Janeiro-RJ); o 6º Regimento de Infantaria (Regimento Ipiranga – Caçapava-SP); e o 11º Regimento de Infantaria (Regimento Tirdentes – São João del Rei-MG).

c) Cavalaria: Composta pelo 1º Esquadrão de Reconhecimento (Esqd Rec) Motomecanizado, unidade criada (atualmente localizado em Valença-RJ).

d) Artilharia: Composta do Comando da Artilharia Divisionária (general de brigada Oswaldo Cordeiro de Farias) e 4 grupos de artilharia, sendo um novo (I/1º Regimento de Obuses Auto Rebocado) e três baseados em unidades existentes, incluindo o grupo-escola.

e) Engenharia: a unidade escolhida foi o 9º Batalhão de Engenharia (recém criada, sediada em Aquidauana-MT)

f) Batalhão de Saúde: Unidade baseada na antiga 1ª Formação Sanitária.

g) Esquadrilha de Ligação e Observação (ELO): Unidade nova, responsável pelo reconhecimento aéreo da DIE e orientação da Artilharia Divisionária.

h) Elementos de Tropa Especial – recém criadas, incluíam as seguintes companhias: de Quartel-General da 1ª DIE, de Transmissões, de Manutenção, de Intendência, o Pelotão de Polícia Militar e a Banda de Música Divisionária.

Ainda foram criadas unidades não-divisionárias, haja vista que a previsão inicial era a organização de um corpo de exército a três divisões de infantaria: Comando da FEB, Inspetoria-Geral da FEB, Serviço de Saúde da FEB, Agência do Banco do Brasil, Pagadoria Fixa, Seção brasileira de Base, Depósito de Intendência, Serviço Postal, Serviço de Justiça e Depósito de Pessoal.

Era de se esperar uma série de dificuldades durante todo o processo de formação da FEB, dentre as quais destacaram-se: a adaptação das unidades ao novo modelo organizacional; a mobilização dos efetivos complementares; a organização das novas unidades; e adaptação aos novos armamentos e ao modelo doutrinário norte-americano⁷.

Os novos armamentos incluíam o fuzil Garand M1, a metralhadora de mão Thompson, o morteiro de 60 mm, o lança-rojão, a metralhadora leve de calibre ponto 30, o fuzil automático Browning, o canhão anticarro de 57 mm e o obuseiro de 105 mm, dentre vários outros.

Além disso, os novos armamentos e as novas funções e servidões derivadas da nova doutrina exigiram a formação de especialistas, tais como motoristas, estenógrafos, químicos, operadores de rádio, cozinheiros e muitos outros, principalmente para mobiliar em pessoal o batalhão de engenharia (Mascarenhas de Moraes, 2005). Desta forma, o Brasil enviou para combater na Itália 25.334 militares⁸.

DOTAÇÃO DE MEIOS BLINDADOS E MOTORIZADOS

Ao folhear as diversas fontes de consulta, redigidas principalmente por antigos Pracinhas, Mascarenhas de Moraes, Castelo Branco, Meira Mattos e Almeida, bem como outros itens da bibliografia tradicional sobre o trajeto da FEB, há muito poucos detalhes sobre os meios

⁷ Para entender toda a complexidade e problemas vividos pela FEB, ver BRAYNER, Floriano de Lima. *A Verdade sobre a FEB*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1968.

⁸ Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/forca-expedicionaria-brasileira-feb>>. Acessado em 20 de jan. 2020.

blindados e mecanizados, que ficam por conta dos antigos integrantes do 1º Esquadrão de Reconhecimento Motomecanizado⁹.

Quando a busca foca-se nas viaturas motorizadas, as referências escasseiam-se. Vislumbra-se que o fenômeno prende-se ao fato de que, em pincípio, os meios motorizados teriam papel de pequena relevância para a campanha militar da 1ª DIE.

Desta forma, este autor valeu-se da pesquisa conduzida pelo Professor Guilherme Antônio Dias Pereira, que fez um levantamento de que a FEB teve à sua disposição 1.410 caminhões e jipes próprios para o cumprimento de suas tarefas, sendo 400 caminhões para 2 1/2 toneladas, capazes de transportar 1/3 do efetivo da FEB.

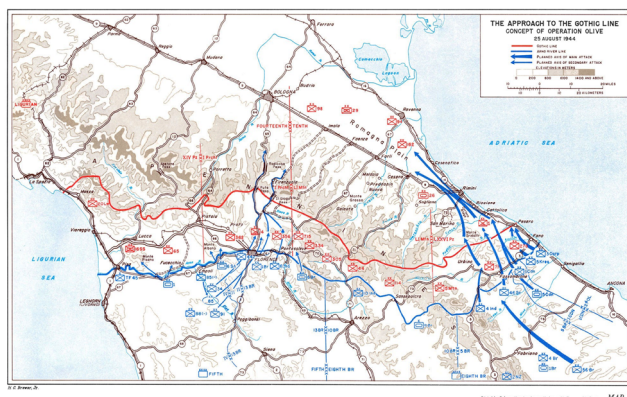
É preciso deixar igualmente claro que a FEB era uma Divisão de Infantaria, seus veículos motorizados eram constituídos por máquinas de apoio logístico, comunicações e reconhecimento (Caminhões, Jipes, Jipões Dodge, Veículos de transporte M3 e Meia-Lagartas, além de blindados leves como os T-17 e os M8 Greyhound 6x6), em momento algum a FEB foi dotada de Carros de Combate [...] (Pereira, 2016).

BATALHA DE COLLECHIO-FORNOVO – O PROCESSO DECISÓRIO

O marechal Sir Alexander estabeleceu em sua ordem, para a Operação Olive, que o esforço do XV Grupo de Exércitos era romper o esforço defensivo inimigo, do final de agosto até dezembro de 1944. Do trabalho executado pelo seu estado-maior, chefiado pelo general John Harding, foi decidida a seguinte manobra a ser executada, tendo dois exércitos como peças de manobra (Mapa 1):

- o VIII Exército britânico, a Leste, sob comando do general Oliver Leese, atacar seguindo a costa do mar Adriático, como objetivos as cidades de Pesaro e Rimini, com a finalidade de forçar o comando alemão de retirar unidades do centro do seu dispositivo defensivo, nos Apeninos.

- o V Exército norte-americano, no esforço principal, atacar para conquistar a linha de alturas que balizavam a linha de defesa das tropas do Eixo Roma-Berlim, denominada como Linha Gótica, e prosseguir para conquistar a cidade de Bolonha pelo caminho mais curto.



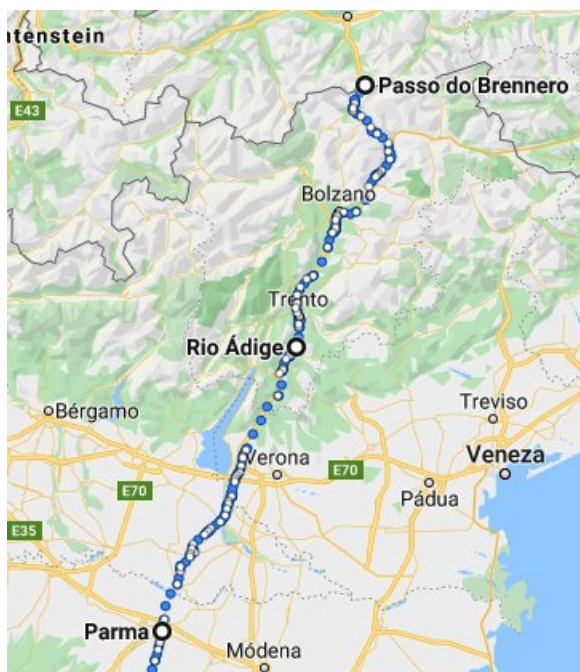
Mapa 1 – Conceito da Operação Olive

Fonte: Gothic Line. Disponível em <<http://migre.me/pm0VF>>. Acessado em: 16 jan. 2020.

⁹ Particularmente o Relatório do Capitão Plínio Pitaluga, comandante ao 1º Esquadrão de Reconhecimento Motorizado da FEB, datado de 1947.

Por sua vez, o general Mark Clark, já na função de comandante do XV Grupo de Exércitos, em substituição ao marechal *Sir* Alexander, estabeleceu em março de 1945 o seu novo plano de operações, com a finalidade de desencadear a Operação Primavera, que consistia na seguinte manobra, dividida em três fases:

- 1ª. - captura e consolidação de uma posição em torno de Bolonha;
- 2ª - consolidação das posições no rio Pó; e
- 3ª - travessia do rio Pó e bloqueio do Passo do Brenner (fronteira Itália-Suíça), principal rota de retraimento do inimigo, com a posse ou conquista das posições do rio Ádige (Mapa 2).



Mapa 2 – Trajeto Parma-Rio Ádige-Passo do Brenner ou Brennero.

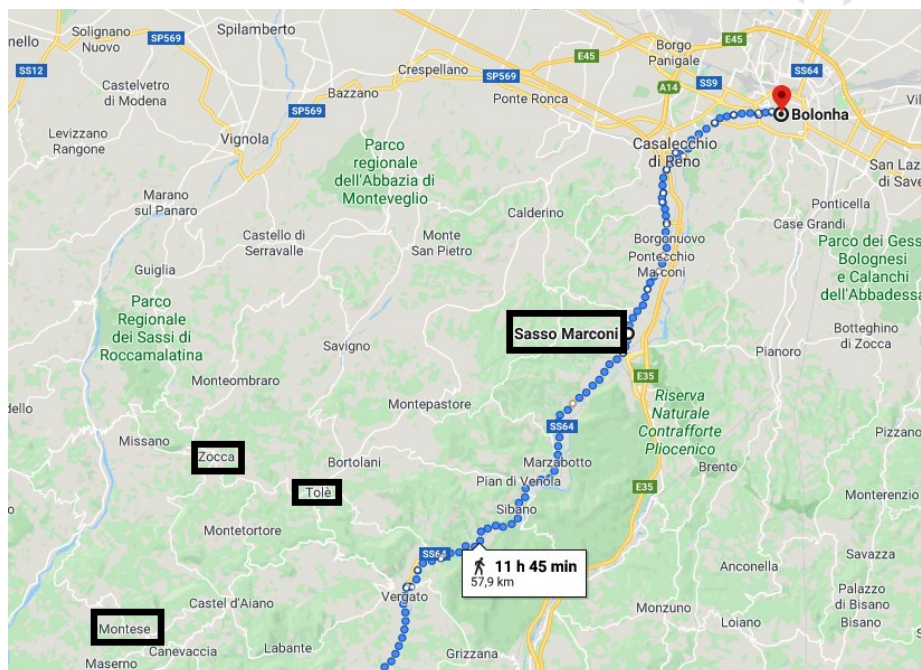
Fonte: o autor, a partir de Google Maps.

A decisão do general Truscott, novo comandante do V Exército, de acordo com o faseamento determinado pelo escalão superior, foi a seguinte:

- durante a 1ª fase – o IV Corpo de Exército, do general Criteberger, atacar para conquistar a linha Montese – Monte Pigna – Tole – Monte Pero¹⁰;
- na 2ª e 3ª fases – conquista do próximo compartimento do terreno, utilizando os dois corpos de exército justapostos, com o esforço principal pelo eixo da estrada nº 64 e, após a conquista do nó rodoviário de Praduro¹¹, prosseguir pela estrada nº 65 (Mapa 3).

¹⁰ Dominam a estrada nº 65 e, quando conquistadas, permitiam que o ataque principal (10ª Divisão de Montanha dos EUA) chegasse a Bolonha com segurança.

¹¹ Na vila de Sasso Marconi, ao sul de Bolonha.



Mapa 3 – Estrada nº 64 – Nó rodoviário em Praduro – Estrada nº 65 – Bolonha.

Fonte: o autor, a partir de imagem do Google Maps.

O general Crittemberger recebeu as ordens do general Truscott para o emprego do seu IV Corpo de Exército, enquadrante da 1ª DIE brasileira, nos seguintes termos:

Ao V Exército [...] foi dada a missão de romper caminho através da Linha Gótica e das restantes barreira estabelecidas nos Apeninos, por meio de um ataque frontal, até que, à viva força, atingisse as planícies de Bolonha. Esse ataque seria executado na direita da zona de ação do V Exército e nele seria empregado o maior número de aguerridas unidades combatentes que fosse possível reunir, compreendendo quatro divisões de Infantaria, toda a poderosa artilharia do Corpo e a maior parte das unidades de engenharia e, ainda, unidades de serviços (Crittemberger, 1997, p. 21).

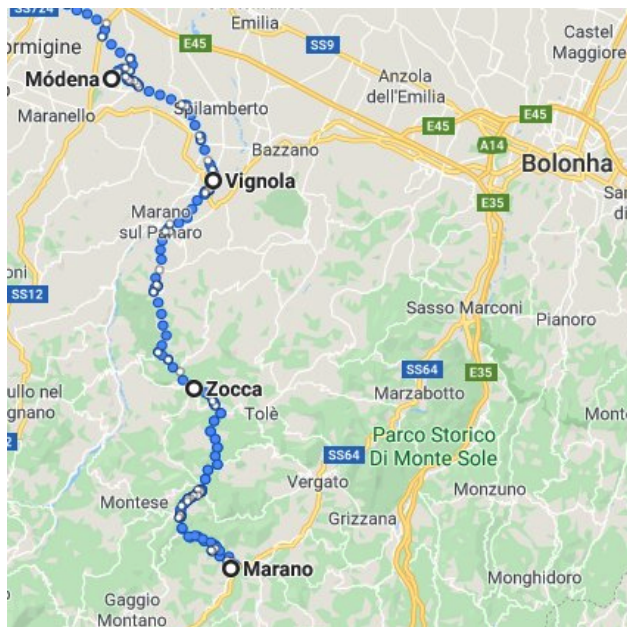
Após a análise da missão do escalão superior, o comandante do IV Corpo de Exército reuniu as suas peças de manobra em seu posto de comando, na localidade de Castelluccio, no dia 8 de abril para expor a sua manobra. Na oportunidade, o general Mascarenhas de Moraes expôs a situação de sua divisão:

[...] parte desdobrado na defesa do setor Cappella di Ronchidos – Sassomolare e o restante em reserva, em condições seja prolongar o seu flanco oriental em acompanhamento à progressão da 10ª Divisão de Montanha, seja de atuar ofensivamente em aproveitamento do êxito (Mascarenhas de Moraes, 2005, p. 158).

Em seguida, o comandante brasileiro sugeriu que Montese se constituísse como objetivo tático da FEB, a fim de que a 10ª Divisão de Montanha assumisse o ação principal de atacar para

conquistar Bolonha. Assim sendo, a tropa brasileira informou que estava em condições de:

- atacar para conquistar Montese e realizar uma operação de aproveitamento de êxito até o corte do rio Panaro;
- assumir o flanco esquerdo da 10ª Divisão de Montanha; e
- progredir na direção Zocca – Vignola (Mapa 4).



Mapa 4 – Marano – Zocca – Vignola (aproveitamento do êxito).

Fonte: o autor, a partir de imagem do Google Maps.

Desta forma a divisão brasileira tomou o seguinte dispositivo, em 13 de abril, para o ataque a Montese:

- a norte, o III/11º Regimento de Infantaria na frente compreendida entre Morotti (encostas sudoeste do maciço de Santo Baldino) até o vale do Cannelli, no flanco direito;
- ao centro, o II/1º Regimento de Infantaria, nas encostas norte do Sassomolare, do Natalino até o ponto cotado (P Cot) 771 (região de Scanello); e
- a sul, o 11º Regimento de Infantaria (menos o III batalhão), do P Cot 771 até Cappella Di Ronchidos.

- Artilharia:
 - I Grupo – em apoio ao I/11º Regimento de Infantaria;
 - II Grupo – em apoio ao III/11º Regimento de Infantaria;
 - III Grupo – em apoio direto ao 371º Regimento de Infantaria dos EUA;
 - IV Grupo – em ação ao conjunto, além de apoiar os fogos de preparação em apoio à divisão de montanha dos EUA;
- As companhias de obuses dos regimentos de infantaria sob o controle operacional da Artilharia Divisionária.



- Engenharia:
- Uma companhia em apoio direto ao II/1º Regimento de Infantaria; e
- Uma companhia em reforço ao 11º Regimento de Infantaria.

- Transmissões:
- Eixo de comunicações Caggio Montano – Tamburine.
- Posto de commando em Gaggio Montano.

- Reserva:
- 6º Regimento de Infantaria;
- 1º Regimento de Infantaria (menos os II e III batalhões); e
- 1º Esquadrão de Reconhecimento Motomrcanizado.

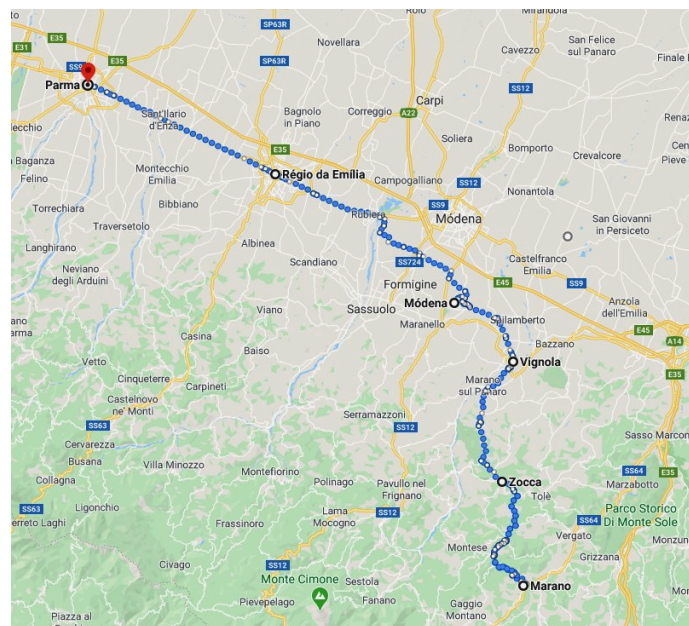
A árdua conquista das elevações vizinhas e da própria localidade de Montese foi por um custo elevado, entretanto, como escreveu o comandante da 1a DIE: “(...) era de valor inestimável – não tinha preço” (Mascarenhas de Moraes, 2014, p. 320). Dois anos depois, o comandante do IV Corpo de Exército ainda se congratulava com os brasileiros por meio de um telegrama datado de 13 de abril de 1947 (Ibid., p. 321):

Ao marechal Mascarenhas:

Vai fazer dois anos, às 13h de amanhã, que elementos de sua divisão atacavam Montese, a chave do Vale do Panaro. Nós, antigos membros do IV Corpo, aqui no Panamá, mandamos-lhe nossas saudações, bem como aos seus antigos comandados, neste aniversário de tão memorável dia que relembra como o III Batalhão do major Cândido, do 11º Regimento de Infantaria, avançou rapidamente para o cemitério a leste da cidade, onde encontrou terrível resistência dos germânicos, que tentavam manter-se naquelas importantes elevações. Em seguida, o major Lisboa, do I Batalhão do 11º Regimento de Infantaria, flanqueando o objetivo por oeste, capturou-o naquela mesma tarde. A queda de Montese foi um dos combates iniciadores da Ofensiva da Primavera, indicadora de nossa completa vitória final. Com o vale do Panaro em nosso poder, a continuada resistência contrária não poderia impedir nosso desembocar no Vale do Pó. Sua divisão, inicialmente com os próprios meios, fez história militar há dois anos, no dia de amanhã.

(a) Crittenberger.

Após a decisiva vitória em Montese, no dia 14 de abril, os brasileiros partiram para realizar a ação tática de aproveitamento do êxito, conforme planejado.



Mapa 5 – Trajeto Marano – Montese – Zocca – Vignola – Módena – Régio de Emília – Parma.

Fonte: o autor, a partir de imagem do Google Maps.

No entardecer do dia 15, chegou ao PC da DIE as ordens de “manter as suas atuais posições e prolongar o seu setor para leste, ocupando a zona que englobava as cotas 753 e 913” (Mascarenhas de Moraes, 2005, p. 171).

No dia 16, o comandante da DIE decidiu realizar a alteração de sua zona ação, conforme determinado, e prosseguir no ataque.

Como nesta parte do trabalho passa-se a descrever o processo decisório do general Mascarenhas de Moraes e seu estado-maior, os relatos memoriais e escritos bibliográficos dos fatos tornam-se imprescindíveis. Assim, o comandante da FEB relatou as ações táticas posteriores às desencadeadas em Montese e às que antecederam a perseguição que culminaram na conquista da linha Collecchio – Forno di Taro nos seguintes termos:

A ruptura da posição alemã, iniciada na região de Tole, continuava sendo aprofundada para atingir as retaguardas germânicas, desorganizando-as.

Como a penetração na linha inimiga ia gradualmente adquirindo maior velocidade, previa-se que os germânicos realizassem, em pouco tempo, um retraimento para o norte e noroeste, particularmente à margem ocidental do Rio Panaro. Era indício dessa provável atitude o fato de sua artilharia continuar atuando sobre nossas posições de Montese e ter entrado em franco declínio nas outras partes da frente. Decidi, então, o envio de reconhecimento agressivos em toda a frente, a fim de ser reiniciada a progressão, caso o inimigo retraísse. O Esquadrão de Reconhecimento Mecanizado, sob o comando do capitão Plínio Pitaluga, possuidor de grande mobilidade, instalou-se na região de além-Montese, alertado para a possibilidade de ter que cumprir a missão de retomar o contato com o inimigo, rumo ao Panaro. As patrulhas brasileiras, acionadas nessa jornada de 18, traziam a informação de que o inimigo se mantinha em suas posições, sem entretanto revelar a agressividade dos dias anteriores.



Como já era esperado, no dia seguinte, 19, o campo de batalha iria apresentar bem diversa fisionomia.

O dia 19 de abril marca o início de uma etapa na Ofensiva da Primavera – o “Aproveitamento do Êxito” – de que resultou a conquista do médio Panaro pela divisão brasileira (Ibid., p. 322).

Os brasileiros iniciaram o aproveitamento do êxito e avançaram sobre a linha M. Acuto – M. Albanello – Vavoloni.

O retraimento organizado das tropas alemãs em contato, na direção geral norte, indicava que estavam fazendo uma ação retardadora, trocando espaço por tempo, ao lançarem núcleos de resistência, destruições, minas e armadilhas, concentrações de artilharia e morteiro, tudo com a finalidade de permitir que o grosso de suas tropas transpusessem a calha do rio Pó.

No dia 21 de abril, a FEB conquistou a localidade de Zocca, cuja importância operacional para as duas forças antagônicas foi descrita assim:

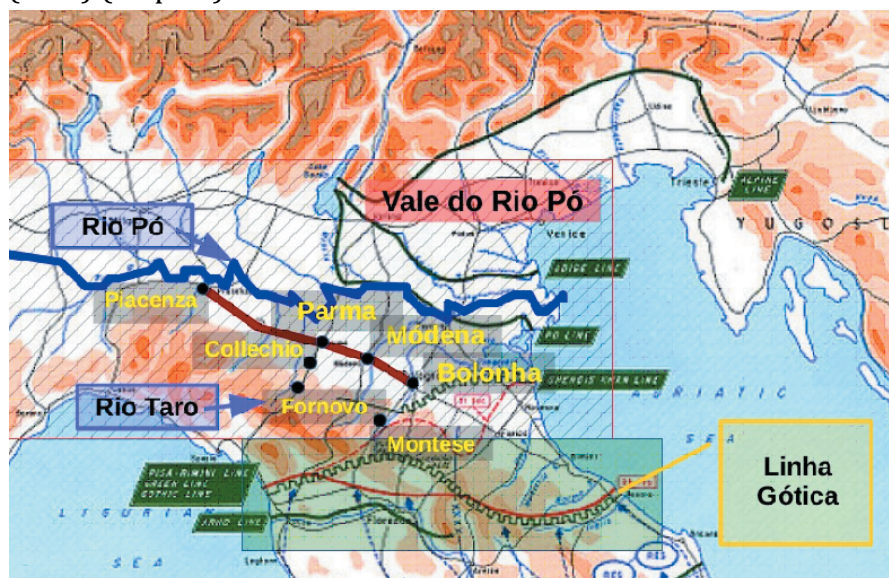
Zocca, nó rodoviário que centralizava as estradas da região, era efetivamente objetivo de real importância para os dois contendores: constituía um maciço montanhoso que interceptava nossa progressão rumo ao norte. A área de Zocca – II Monte exercia evidente comandamento sobre as adjacências, barrando a progressão do movimento conjugado dos nossos dois regimentos – 1º e 6º RI (Ibid., p. 326).

Nos dias 22 e 23, a 1ª DIE conquistou, respectivamente, as vilas de Marano e Vignola. Tais vitórias marcaram o abandono dos terrenos encaixotados pelos Apeninos e o acesso à imensa planície do rio Pó. A conquista de Vignola, então, apresentou-se como de grande oportunidade para empreender uma ação tática de perseguição, haja vista que o inimigo passara a retirar-se de maneira desorganizada. A intenção dos nazistas, ao transpor o rio Pó, poderia ser estabelecer a última linha de defesa nas elevações que dominavam o rio Ádige, posto que, caso submergisse, as forças aliadas poderiam invadir os alpes austríacos e da Bavária, abrindo a via de acesso para chegar a Berlim pelo sul.

Com a aquiescência do comandante do V Exército, o comandante do IV Corpo resolveu empregar as suas peças de manobra da seguinte forma:

- a) divisão brasileira, à esquerda, e uma divisão americana, à direita (inicialmente, a 1ª Divisão Blindada até Modena; depois, a 34ª Divisão até Parma), progrediriam para noroeste, justapostas, ao sul do Rio Pó, de modo que, perseguindo os alemães, cobrissem o flanco esquerdo do IV Corpo da possível intervenção das tropas inimigas empenhadas no setor litorâneo da Ligúria;
- b) as demais divisões do IV Corpo, transpondo o Rio Pó, avançariam perseguindo o inimigo, no rumo geral do norte, na direção de Verona-Milão, fechando o cerco junto aos Alpes, fronteiras da Suíça e Áustria, bloqueando, dessa forma, o passo de Brenner, principal rota de retraimento do inimigo (Ibid., p. 329).

Portanto, cabia aos brasileiros realizar a “cobertura do extenso eixo representado por essa estrada, no trecho Módena-Piacenza” e, simultaneamente, se deslocar “para noroeste, a fim de retomar o contato com o inimigo e vencer possíveis resistências locais”, bem como vigiar “face ao sul, especialmente sobre as rodovias e os rios que, descendo dos Apeninos, cruzam a região rumo ao norte” (Ibid.) (Mapa 6):



Mapa 6: Situação e principais localidades do Vale do rio Pó.

Fonte: o autor, a partir de imagem disponível em <Domínio público, <https://commons.wikimedia.org/w/index.php?curid=1447452>>

As informações sobre o valor e o destino do inimigo não eram precisas, mas havia o consenso geral de que, para obter sucesso no cerco da força oponente, fazia-se necessária utilizar-se de rapidez nos movimentos.

O comando divisionário brasileiro constatou que, para executar a manobra de perseguição com a rapidez imposta pela situação, não dispunha dos meios de transporte indispensáveis à sua infantaria. No mesmo dia 23 de abril, o IV Corpo desencadeou a perseguição.

O general Mascarenhas de Moraes decidiu instalar o seu posto de comando o mais à frente possível – “decidi manter-me junto aos elementos mais avançados da divisão. Interessava-me, sobretudo, impulsionar o Esquadrão de Reconhecimento, de cujas informações ia depender o emprego de nossa tropa” (Ibid.).

Desta forma, o comandante seguiu a vanguarda da Infantaria Divisionária e constatou as imensas dificuldades dos combatentes avançarem à pé e que a progressão estava muito penosa, cenário que contrariava a exigência de rapidez e a economia física do soldado, fundamentais para o sucesso da operação militar.

Tornava-se necessária uma imediata e oportuna decisão de comando para alterar o quadro e fazer com que a tropa agilizasse a marcha no rumo norte. Ao mesmo tempo, como o movimento estava lento, a “artilharia toda motorizada estacionara, sem missões de tiro a executar contra o inimigo em célere retirada”. Como escreveu o comandante: “Urgia uma decisão para aumentar-lhe a velocidade. E esta eu a tomei no jipe, durante a viagem de regresso a C. Grotti” (Ibid., p. 337).



Os passos seguintes foram descritos pelo próprio Comandante em seu livro de memórias:

Ao chegar, chamei de parte o chefe da 3ª Seção, tenente-coronel Castelo Branco, para dizer-lhe:

– Depois do jantar, quero me reunir com os generais Zenóbio e Cordeiro. Você e o coronel Brayner assistirão à reunião. Conto com seu integral apoio para a decisão que irei tomar.

Presentes os generais Zenóbio e Cordeiro – comandantes da infantaria e artilharia divisionárias, respectivamente – e mais o coronel Brayner e tenente-coronel Castelo Branco, relatei-lhes o que vi durante minha inspeção até Vignola.

Disse então que nossa missão era, em curto prazo, barrar as vias de retirada do inimigo; que a infantaria estava se deslocando a pé, lenta e penosamente; que a divisão não tinha viaturas disponíveis para o transporte da infantaria, em razão de haver o IV Corpo, apesar de meus constantes apelos, retido cerca de 12 viaturas a seu serviço permanente; que a artilharia, em grande parte, estacionara, por não haver missão de tiro em face da veloz retirada inimiga.

Exposta a crítica situação acima resumida, concluí lembrando a conveniência de a artilharia, em benefício da mobilidade da infantaria, estacionar parte de seus canhões, utilizando suas viaturas no transporte dos infantes. Caberia ainda à artilharia do general Cordeiro organizar os comboios, em um perfeito serviço de transporte, capaz de realizar, com presteza, disciplina e ordem, o deslocamento da tropa. Finalmente, encarei a circunstância de que a solução encontrada de modo algum poderia melindrar o vigoroso espírito de arma dos artilheiros, tão ciosos do realce e eficiência de seus canhões, mas também certamente desejosos de colaborar e apoiar seus irmãos infantes de todas as formas possíveis.

Externou-se logo a seguir o comandante da Artilharia Divisionária, general Cordeiro de Farias. Em cabal e comovente prova de espírito de colaboração, o general Cordeiro de Farias não só se prontificou a concretizar, do melhor modo possível, a ideia e intenção de seu chefe mas também afirmou contar com a cooperação integral e decidida de seus comandados. Compenetrados do alcance de minha decisão, os artilheiros rapidamente organizaram e puseram em atividade um modelar serviço de transporte.

Revestiu-se certamente de significativa relevância essa contribuição dos artilheiros (Ibid., p. 330-331).

Tomada a decisão, prontamente todos os integrantes da 1ª DIE iniciaram os trabalhos para a sua perfeita execução. Em suas memórias, Mascarenhas de Moraes assim resumiu toda a movimentação dos pracinhas em prol da manobra e da inovadora articulação dos meios motorizados:

Ajunto, desvanecido, que os espetaculares triunfos obtidos na última semana de abril evidentemente resultaram do valor e da agressividade da infantaria brasileira; mas não há de negar que decorreram fundamentalmente da enorme velocidade de nossos infantes, conduzidos, em longos percursos, pelo serviço de transporte a cargo da artilharia.

Supervisionando e realizando o transporte de nossos infantes ao longo do Vale do Pó, a poderosa arma de Mallet, na pessoa do general Cordeiro de Farias, conjugou esforços com a valorosa arma de Sampaio, a infantaria, na obtenção das esplêndidas vitórias que culminaram no cerco e rendição de mais de 15 mil alemães (Ibid.).



Ao ultrapassar o ponto inicial da marcha em direção norte, a divisão brasileira iniciou a perseguição ao inimigo e infletiu no rumo noroeste, seguindo à cavaleiro da rodovia nº 9, que liga as cidades de Módena, Reggio Nell'Emilia, Parma, Fidenza, e mantendo à esquerda os contrafortes dos Apeninos.

Concomitante com a marcha para o combate, em busca do contato com o inimigo, cabia aos brasileiros montar pontos de bloqueio nas saídas das montanhas dos Apeninos, em face das ações adversárias, procedentes da Ligúria, onde ainda ofereciam forte resistência ao avanço aliado.

Entre Vignola e Collecchio, distantes cerca de 75km em linha reta, o terreno apresentava-se pouco acidentado e era servido por rodovias procedentes da Ligúria, portanto, favoreciam as ações inimigas por serem transversais ao movimento. Sendo assim, a decisão de motorizar a infantaria mostrou-se muito oportuna, pois, além de imprimir a velocidade necessária, posto que o terreno mostrava-se favorável, tornava possível cortar a retirada do adversário.

No dia 24 de abril, quatro batalhões brasileiros transpuseram o rio Secchia e acessaram a estrada a oeste do curso d'água, a qual ligava as vilas Arceto, Scandiano e Casalgrande. Desta forma, o Esquadrão de Reconhecimento, como escalão de reconhecimento da divisão, na noite desse dia, alcançou S. Polo d'Enza, às margens do rio Enza.

O comando do IV Corpo de Exército, no dia 25, determinou que a tropa brasileira ocupasse o corte do rio Enza, lançando cobertura até o rio Parma. Para esta missão, o Esquadrão de Reconhecimento foi impulsionado para o rio. Ao 6º Regimento de Infantaria coube a missão de ocupar as margens do rio Enza. Enquanto isso, o 11º Regimento de Infantaria ficou com os encargos de segurança da área de retaguarda, realizando bloqueios nas vias de acesso provenientes do sul.

Com a desejada velocidade, o posto de comando avançado do comandante da FEB foi deslocado para a localidade de Montechio Emilia. No deslocamento, o comandante brasileiro foi ao quartel-general do IV Corpo para relatar a situação do avanço para noroeste.

A seguir, o brasileiro descreveu a confabulação com as seguintes palavras, destacando a surpresa indisfarçada do comandante norte-americano:

Mostrou-se esse chefe americano agradavelmente surpreendido com a rapidez do nosso avanço, não atinando com a feliz decisão que a determinara e com os meios materiais que a possibilitaram. Informado, então, de ter eu feito estacionar parte da artilharia para utilizar suas viaturas automóveis, em benefício da velocidade de marcha da infantaria, o general Crittenger, com vivos aplausos, perguntou-me onde havia eu aprendido aquela oportuna decisão.

Sem lisonja, respondi-lhe:

– Aqui na guerra, sob a orientação de meus chefes.

Retrucou-me, então:

– O senhor certamente aprendeu em seu país, ao longo de sua carreira militar, adquirindo a indispensável cultura profissional de que os chefes se valem nos momentos difíceis. Com essa pronta resposta, o valoroso comandante, diplomado em West Point, proclamava indiretamente o mérito da histórica e gloriosa academia de que emanara a sua formação militar e a base de sua cultura profissional.

Despedi-me daquele chefe, surpreendendo-o ainda com a agradável notícia de que seguia para Montechio Emilia, onde já se instalara o meu quartel-ge-

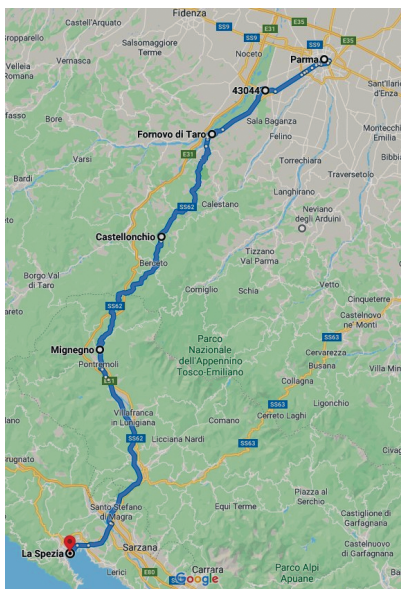
neral avançado (Ibid., p. 334-335).

Finalmente, no dia 26, os pracinhas retomaram a perseguição à tropa em fuga, na área compreendida entre os rios Enza e Taro, que era cortada por diversas vias penetrantes, do sul para o norte.

A estrada nº 62 destacava-se das demais, pois ligava a região de La Spezia, passando por Fornovo di Taro e por Collecchio, à cidade de Parma, prosseguindo rumo ao rio Pó (Mapa 7).

As informações que chegavam indicavam uma divisão inimiga em fuga, provavelmente no rumo de Parma e provavelmente prosseguiriam rumo ao Passo do Brenner, a fim de chegar ao território alemão.

Para contrapor ao movimento tedesco, o Esquadrão de Reconhecimento foi lançado com a missão de bloquear a estrada nº 62, reconhecer e fixar o inimigo, impedindo-lhe a marcha em direção àquela cidade.

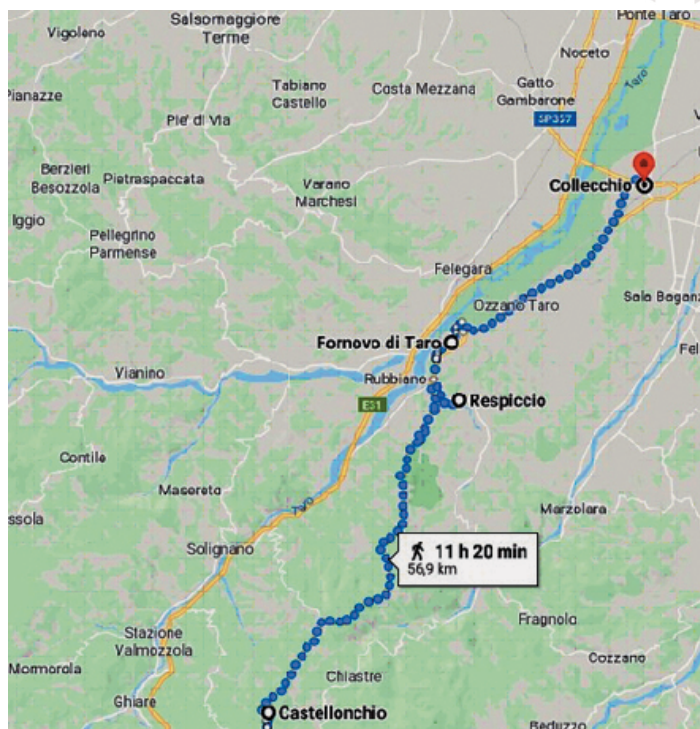


Mapa 7 - Estrada nº 62; La Spezia - Parma.

Fonte: o autor, a partir de imagem do Google Maps.

AS AÇÕES MILITARES PARA A CONQUISTA DE COLLECHIO

Grandes forças nazistas-fascistas, fugindo da Ligúria e da Toscana, estavam convergindo na estrada estadual de Cisa em direção a Fornovo. O Escritório de Serviços Estratégicos, precursor da CIA (*Central Intelligence Agency*), interceptou as comunicações alemãs, revelando planos elaborados para a defesa final do vale do rio Pó (Mapa 8).



Mapa 8 - Estrada nº 62; Cisa - Collecchio.

Fonte: o autor, a partir de imagem do Google Maps.

As tropas do Eixo tinham a intenção de convergir de Fornovo para Piacenza e de lá atravessar o rio usando pontes especialmente mantidas. Quando alcançassem a costa da Lombardia, ficariam em condições de defender e se opor ao avanço dos Aliados. Caso o plano obtivesse sucesso, o destino da guerra muito provavelmente não teria mudado, mas o saldo de sangue da campanha italiana teria sido consideravelmente maior.

Ao par da missão do Esquadrão de Reconhecimento, dada no dia 26 de abril, o 6º Regimento de Infantaria recebeu a missão de apossar-se das margens do rio Parma e o 11º Regimento de Infantaria manteve-se nas atividades de segurança da área de retaguarda.

Ainda no dia 26, chegou ao comandante da DIE a informação de que o Esquadrão de Reconhecimento estabeleceu contato com tropa inimiga, solicitando ser reforçado, haja vista o valor do inimigo ser muito superior.

Com o movimento das tropas inimigas, em 26 de abril de 1945, o Esquadrão brasileiro deslocou-se para o sul de Parma, na região da cidade de Collecchio e defrontou-se com carros blindados da unidade de reconhecimento da 90ª Divisão *Panzergrénadier* e depois com uma Força-Tarefa, composta por carros de combate da mesma divisão e a infantaria do 281º Regimento da 148ª Divisão de Infantaria. Em face do valor e do efetivo da tropa do Eixo em contato, o Esquadrão de Reconhecimento pediu reforços (Baber, 2008). Segundo o capitão Pitaluga, comandante do Esquadrão, "cheguei a Collecchio ao meio-dia e fiquei sozinho até às 18h. Já havia ocupado quase metade da cidade quando a infantaria chegou".

A ação do 1º Esquadrão de Reconhecimento, sob o comando do então capitão Plínio Pitaluga, foi, segundo relato do próprio general Mascarenhas de Moraes, ao entrar em contato com a van-

guarda da 148ª Divisão de Infantaria alemã, agiu com “incrível rapidez” e se lançou “audaciosamente” sobre dois Batalhões da 90ª Divisão *Panzergrenadier*, que faziam a vanguarda. A audácia é medida pelo fato de o esquadrão contar apenas com os seus três pelotões orgânicos, com um efetivo de cerca de 120 homens.

Castello Branco (1960, p. 449) também escreveu sobre as ações táticas dos homens liderados por Pitaluga: “Uma vez diante das resistências de Collecchio, procurou o comandante do Esquadrão de Reconhecimento reconhecê-las, mediante uma ação em força, demonstrando, a par de muita iniciativa, alto espírito ofensivo, próprio de cavalaria da sua estirpe”.

Dotado de carros M8, o capitão Pitaluga e sua tropa lutavam contra veículos leves blindados alemães, armados com canhões de 20mm. No entanto, os carros blindados brasileiros eram vulneráveis aos carros de combate e às armas anticarro inimigos.

Pitaluga descreveu bem essa vulnerabilidade e o seu motivo operacional: “O M8 é para reconhecimento, não para combate (decisivo)”¹² (Neto et al, 2011, p. 50). O M8 possuía torre que não tinha escotilha para fechá-la, o que o tornava mais vulnerável do que carros com as torres que podiam ser fechadas, operando em desvantagem contra tropas de infantaria com armamento anticarro, particularmente em ambiente operacional urbano, como em Collecchio (Figura 2).



Figura 2 - O carro blindado M8 – Greyhound

Fonte: Ecos da Guerra. Disponível em <<https://segundaguerra.org/veiculos-da-segunda-guerra-carro-blindado-m-8-greyhound-da-forca-expedicionaria-brasileira/>>. Acessado em 8 de jan. 2020.

Em face da ação de comando, exercida diretamente pelo comandante da 1ª DIE, foi descrita assim: “o velho general agiu [...] com o entusiasmo de um tenente” (Dulles, 1978, p. 152). O major Ragem ordenou que algumas de suas tropas, apoiadas pelas metralhadoras bloqueassem a estrada nº 62, que levava para Parma, e deu ordem de ataque à 5ª Companhia do 11º Regimento

¹² Inserção feita pelo autor.



de Infantaria, às 1930h. O escalão de assalto da subunidade avançou pelo sudeste e capturou a igreja, enquanto a 9ª Companhia do 6º Regimento de Infantaria avançou pelo nordeste. Atacantes e defensores não estavam sendo apoiados pelas suas respectivas artilharias (Ibid.). Os membros da 148ª Divisão alemã defendiam os arredores da cidade, apoiados por fogos de morteiros, e responderam aos ataques com fogo intenso (Baber, 2008).

A igreja era um importante acidente capital, visto que era utilizada para manter os prisioneiros dos alemães e, a sua torre, para posto de observação. O tenente Jairo Junqueira da Silva, do 11º Regimento de Infantaria relatou um fato pitoresco, que retrata a personalidade e a ação de comando do general Zenóbio da Costa, que apareceu inesperadamente na igreja:

Aquele Zenóbio era maluco! Estávamos na porta da igreja quando ele apareceu. A igreja estava cheia e eu tinha os morteiros em posição do lado de fora. De repente apareceu uma patrulha alemã nos jardins da igreja e começaram a disparar. Todo mundo se jogou no chão, mas o Zenóbio ficou ali de pé a mandar ordens, “Sargento, corre ali! Soldado, cobre aquele lado!”, como se fosse um mero líder de esquadrão. Todo mundo caído no chão com medo das metralhadoras alemãs, mas ele ficou de pé e não se moveu (Neto et al, 2011, p. 24).

Mais combatentes da 2ª Companhia do I Batalhão do 6º Regimento chegaram às 2100h, alguns transportados em carros de combate americanos, M10 e M4, e viaturas motorizadas brasileiras (M3) para reforçar o combate.

As tropas do Eixo fizeram várias tentativas mal sucedidas de fugir para o norte. Apesar do esforço das tropas alemãs e italianas, às 0200h do dia 27 de abril, os pracinhas haviam conquistado a cidade. As forças do Eixo, apoiadas por fogos de artilharia e de carros de combate, fizeram um último contra ataque a fim de romper o cerco estabelecido pela 1ª DIE, pouco antes do amanhecer.

Com o insucesso do esforço dispendido, o moral dos defensores caiu e a resistência entrou em colapso. Ao meio-dia, os brasileiros tinham o controle total da cidade, forçando os nazistas e os italianos fascistas realizarem uma retirada na direção geral sul, com a finalidade de chegar a localidade de Fornovo di Taro, ao final da tarde de 27 de abril (Baber, 2008, p. 2).

Os soldados inimigos feitos prisioneiros na batalha por Collecchio confirmaram os relatos dos *partisans* italianos de que a 148ª Divisão havia vindo do Golfo de Gênova (Ligúria), e estava atuando na região de Fornovo di Taro, cerca de 14 km a sudoeste de Collecchio, na estrada 62 (Dulles, 1978, p. 154).

Por determinação do general Mascarenhas de Moraes, o major Orlando Gomes Ramagem avançou para Collecchio, cujo escalão de combate era composto por uma companhia de fuzileiros reforçada por um pelotão de metralhadoras. O batalhão chegou a Collecchio ao anoitecer. Realizou a ligação com a tropa do capitão Pitaluga e com a 8ª Companhia do III/6º Regimento de Infantaria, e assumiu o comando do conjunto para a ação imediata.

Mais tarde, o major Ramagem deu início ao ataque. Durante as ações de cerco e de investimento a Collecchio, chegaram as demais subunidades do batalhão, em um sistema de levadas motorizadas, as quais foram prontamente empregadas. O próprio comandante da DIE assim descreveu a conquista da localidade:



Foram três horas de encarniçada peleja, durante as quais revelaram os nossos homens grande capacidade física e notável destemor.

A tropa brasileira, sem perda de tempo, completou a conquista da cidade e iniciou a devida limpeza. Por cerca de 8h da manhã seguinte – 27 de abril – voltei a Collecchio, onde encontrei o major Ramagem vitorioso e senhor da cidade. Aprisionara 588 alemães e capturara grande quantidade de material bélico e de intendência, destruindo a vanguarda da 148ª Divisão alemã (Mascarenhas de Moraes, 2005, p. 338).

Ao entardecer do dia 27, o Batalhão Ramagem, apoiado por carros de combate norte-americanos, dominava a região ao sul de Collecchio, entre os cortes dos rios Taro e Baganza.

Com o sucesso conquistado, os alemães foram barrados em sua progressão na direção da cidade de Parma, favorecendo sobremaneira operações futuras, particularmente, uma manobra convergente para conquistar Fornovo, onde se localizava o grosso da tropa inimiga.

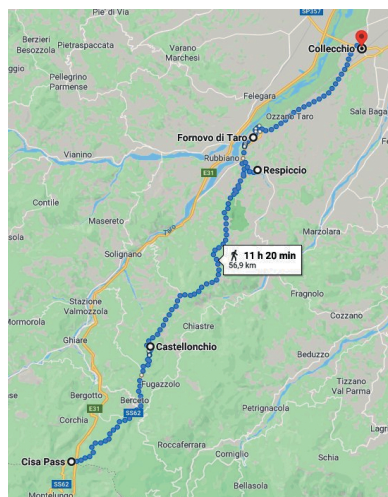
AS AÇÕES MILITARES PARA A CONQUISTA DE FORNOVO

Pouco antes das vitórias dos dias 26 e 27 de abril de 1945, quando a FEB chegou a Parma, infletiu para sudoeste e subiu o curso do rio Taro, libertando Collecchio, após uma noite de luta, e alcançando Fornovo antes da chegada das tropas nazistas, a 92ª Divisão de Infantaria dos EUA libertou a região de La Spezia (Gênova), na Ligúria, e as derrotadas tropas germano-italianas iniciaram uma ação tática de retraimento (Hargrove, 1985, p. 169), tendo como eixo de progressão a mesma estrada nº 62, com a finalidade de alcançar a estrada nº 9 (Bolonha – Parma).

Com o sucesso do avanço vigoroso da 1ª DIE, os generais Truscott e Crittenger visitaram pessoalmente o general Mascarenhas de Moraes, em seu posto de comando avançado de Montecchio. No local, tomaram conhecimento da manobra dos brasileiros de perseguição e de cerco aos alemães, quando não “economizaram palavras de aprovação e de entusiasmo, pela atuação impetuosa de nossa Divisão sob a mão firme do general Mascarenhas (Meira Mattos, 1983, p. 190).

No dia seguinte, o comandante da FEB decidiu “face à imprecisão de certas informações, sobre onde estaria a maior concentração das unidades alemãs, mandei apertar o cerco sobre a área de Fornovo, encarregando o Esquadrão de Reconhecimento da cobertura do flanco oeste” (Ibid.).

Quando a coluna inimiga, descendo da estrada estadual de Cisa – ao meio caminho entre La Spezia e Parma –, alcançou a planície, a estrada foi encontrada barrada em Respiccio (Mapa 9). Desde as primeiras escaramuças, os alemães entenderam que estavam em uma situação desesperadora, com o exército engarrafado e disperso pela estrada estadual, enquanto os brasileiros estavam aferrados ao terreno, defendendo a linha de alturas dominantes e dispostos a lutar.



Mapa 9 - Cisa – Respiccio – Fornovo di Taro – Collecchio (Estrada nº 62).

Fonte: o autor, a partir de imagem do Google Maps.

Com a finalidade de deter a tropa brasileira, que decidiu buscar o contato em 28 de abril, o comando da 148ª Divisão de Infantaria alemã fez uma tentativa de bloquear o avanço da 1ª DIE em Fornovo di Taro. Mantendo a impulsão do movimento de perseguição e com o moral bastante elevado, os pracinhas atacaram e conquistaram essa localidade às 1800h (Scheina, 2003).

A derrota em Collecchio e os ataques subsequentes em Fornovo di Taro convenceram o comandante alemão de que a derrota era inevitável. Às 2200h, o general Otto Fretter-Pico enviou emissários em busca de um cessar-fogo. Para evitar derramamento de sangue excessivo e desnecessário, foram iniciadas negociações para a rendição incondicional.

A fim de atuar como intermediário entre os comandos inimigos estava Dom Alessandro Cavalli, um membro proeminente da resistência que, acompanhado por dois guerrilheiros desarmados, apresentou-se com uma bandeira branca na fortaleza germânica de Respiccio. Depois de uma confabulação, o padre Cavalli trouxe consigo a resposta do comandante alemão: “faça o favor de dizer ao comandante brasileiro que escreva as condições de rendição, depois volte aqui, que nós esperamos pelo senhor”.

Os alemães tentaram ganhar tempo, mas a situação era claramente desesperadora. A coluna nazista-fascista foi isolada, sem possibilidade de reforço, sem suprimentos e à mercê completa da aviação e artilharia aliadas.

O Coronel Nelson de Melo, Comandante do 6º Regimento de Infantaria, tropa em contato, fez chegar ao general alemão o seguinte *ultimatum* pelas mãos do vigário de Neviano di Rossi:

Ao comando da tropa sitiada na região de Fornovo-Respiccio:

Para poupar sacrifícios inúteis de vida, intimo-vos a render-vos incondicionalmente ao comando das tropas regulares do Exército Brasileiro, que estão prontas para vos atacar. Estais completamente cercados e impossibilitados de qualquer retirada. Quem vos intima é o comando da vanguarda da divisão brasileira, que vos cerca. Aguardo dentro do prazo de duas horas a resposta do presente ultimato.

(a) Coronel Nélson de Melo

(Nelson de Melo, *apud* Mascarenhas de Moraes, 2014, p. 343).

Assim começaram dois dias de negociações estreitas sob o comando brasileiro de Pontescodogna. O que estava em questão não era tanto a rendição em si, mas suas modalidades concretas de implementação.

Ao amanhecer de 29 de abril de 1945, os detalhes finais foram definidos, incluindo o status de unidades regulares para membros do exército, e a capitulação das forças inimigas foi assinada.

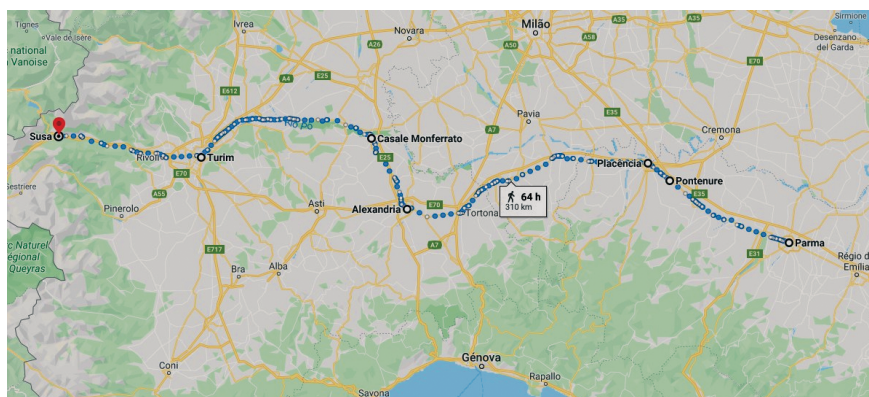
Durante o dia 29, a 148ª Divisão, comandada pelo general Otto Fretter-Pico, entregou-se intacta, assim como remanescentes da 90ª Divisão *Panzergrenadier* alemã e da Divisão Bersaglieri Itália, esta última comandada pelo general Mário Carloni.

O general Mascarenhas de Moraes observou que quase “todos os chefes de maior graduação e inúmeros oficiais de reserva, jovens e bem postos, traziam no punho esquerdo o dístico *Afrika Korps*, distintivo dos combatentes de Von Rommel no território africano” (Mascarenhas de Moraes, 2005, p. 206).

Com a captura de dois generais e de mais de 16.000 homens, entre oficiais e praças, a Segunda Guerra Mundial terminou na província de Parma.

Quanto à FEB, sua tarefa ainda não estava concluída: entre 30 de abril e 2 de maio – os prisioneiros foram entregues aos americanos – a 1ª DIE recebeu a missão de cortar os movimentos das tropas alemãs provenientes do sul e ocupar a região de Alessandria, onde estava o 75º Corpo de Exército germânico.

Com as novas ordens recebidas, a FEB prosseguiu o seu movimento para oeste e libertou, sucessivamente, Placência, Alessandria, Casale Monferrato e Turim, tendo como eixo de progressão a estrada nº 9 (Mapa 10).



Mapa 10 - Parma - Piacenza - Alessandria - Casale Monferrato - Turim - Susa (Estrada nº 9).

Fonte: o autor, a partir de imagem do Google Maps.

Após ultrapassar Alessandria, no dia 30 de abril de 1945, os pracinhas realizaram a sua última ação tática, ao estabelecerem ligação com tropas francesas em Susa, localidade situada próxima à fronteira franco-italiana (Mapa 10).

Atualmente, existe na região de Pontescodogna, uma pedra com placa memorial que lembra a epopeia dos soldados brasileiros em solo italiano (Figura 3).



Fig. 3 - Pontescodogna, local da rendição da 148ª Divisão alemã. Monumento em homenagem à FEB.

Fonte: Aditância do Exército junto à Embaixada do Brasil na Itália

Além da confabulação entre os generais Crittenberger e Mascarenhas de Moraes, na qual ficou latente a surpresa do general norte-americano, quando a 1ª DIE se utilizou de viaturas motorizadas para as ações táticas de aproveitamento do êxito e para a perseguição, ficou registrada a análise feita pelo general Sílio Portela, “antigo e emérito instrutor da Escola de Estado-Maior”, que enviou uma carta endereçada ao general Mascarenhas de Moraes:

Rio, 25 de abril de 1951

Meu caro Mascarenhas:

Li, com o máximo interesse, os feitos de nossas tropas sob seu digno comando na Campanha da Itália, através das brilhantes páginas de *A FEB pelo seu comandante*.

Nelas tive a satisfação de ver que nossa gente esteve à altura dos melhores soldados que pelejaram na península, nisso incluso o mais aguerrido adversário que poderíamos defrontar, não só pelos pendores raciais que em todos os tempos os alemães demonstraram possuir, como também pela experiência adquirida em longos anos de peleja, no Norte da África e alhures. Essa situação de paridade ao lado de forças aliadas de escol, e em face do veterano inimigo, foi o que, na época, eu mais almejava para a conduta dos brasileiros que foram postos sob suas ordens, pois sabia que, com um bom material humano, as qualidades intelectuais e morais do seu ilustre chefe eram bastantes para levantarem bem alto o nome do Brasil na terra estranha em que precisou ser ouvido [...].

Mas, agora, com a proximidade do 29 de abril, data aniversário do espetacular desfecho da manobra Collecchio-Fornovo, desejo transmitir ao eminente comandante da FEB minha admiração pela perícia com que os acontecimentos foram aí conduzidos e pela excelente execução que deram seus comandados. [...] Nenhuma operação, porém, mais me empolgou do que a manobra de Collecchio-Fornovo – manobra conduzida tão afortunadamente, que mais pareceu a ficção de ‘exercício tático’, onde as decisões são necessariamente orientadas para certos desfechos, a fim de ressaltar os ensinamentos que se pretende sublinhar.

Desde que, muito longe ainda do teatro dos acontecimentos principais, a 1ª DIE deveu rebater-se para noroeste, a fim de cobrir o eixo Modena-Piacenza, tem-se a impressão de que a Direção de Manobras estava encaminhando as coisas para o desenlace já previsto no Vale do Rio Taro, lá para mais de



100km distante.

E como o tempo urgia, para que o exercício se realizasse dentro do calendário preestabelecido, foi precisa a adoção de decisões, como sejam o contorno da resistência de Marano, deixando-a à própria sorte, e a utilização dos meios transportadores da artilharia, para acelerar os deslocamentos na direção das conveniências. (grifo do autor). [...]; pois, de um lado, a 1ª DIE tinha que barrar a passagem aos alemães que, transpondo os Apeninos ligurianos, procurassem acolher-se aos seus, no Vale do Pó; e, de outro lado, deveria estar pronta a se engajar na direção oposta, impedindo os socorros que poderiam chegar aos primeiros, vindos do norte. [...]

A correta utilização do Esquadrão de Reconhecimento foi a causa determinante do contato estabelecido com o inimigo na apresentação em Collechio. [...]

Primeiro, a chegada do Esquadrão de Reconhecimento no momento em que o adversário também entrava em Collechio, barrando a este o prosseguimento da marcha para o norte.

Depois, a hora adiantada em que esse encontro teve lugar, mascarando, com a noite que pouco depois veio, a fraqueza dos efetivos que inicialmente se contrapunham aos tedescos [...].

E assim, empenhando somente metade da divisão, o hábil chefe brasileiro alcançou a rendição de forças mui superiores, veteranas de uma campanha de vários anos, em boas condições físicas, embora fatigadas (fadiga que certamente também atingia a nossa gente), bem municiada e dispendo de copioso material de guerra, como consta do butim arrecadado. Manobra excepcionalmente bem dirigida, a de Collechio-Fornovo! Merece ficar em nossa história militar como manobra clássica, já o disse, e nossas escolas militares precisam estudá-la e divulgá-la completamente, para que se conheçam até nos menores escalões de força, as causas que concorreram para tão felizes resultados.

Do velho amigo,

(a) Sílio Portela.

(Mascarenhas de Moraes, 2014, p. 355-359)

CONCLUSÕES

Desde a concretização do Brasil como país independente, oportunidade em que construiu as próprias instituições de Estado, particularmente as suas forças armadas, até os anos de 1910, período histórico de muitas lutas internas e uma grande guerra mundial, o país não era dotado de uma doutrina que se pudesse caracterizar como militar. Houve alguns esforços localizados, porém de pequena envergadura.

As doutrinas militares que influenciaram diretamente a brasileira, por meio da Missão Militar francesa e do emprego operacional na Itália, tiveram uma matiz em comum: a doutrina militar germânica ou, mais precisamente, a prussiana, em decorrência da sua vitória na guerra contra os franceses, ocorrida na segunda metade do século XIX.

Seguramente, os militares franceses que trouxeram a doutrina militar para disseminar no Brasil, logo após a Primeira Guerra Mundial, não demonstraram preocupação com o fator mobilidade das forças militares nos campos de batalha, especialmente pelo fato de considerarem os carros de combate como armas de apoio e não como forma de dar fluidez e rapidez às ações táticas.



Nos dois anos que antecederam a partida da Força Expedicionária Brasileira para combater nos Apeninos, urgiu a necessidade de migração da doutrina militar francesa para a norte-americana. Apesar da nova visão do emprego dos meios militares em combate, ao introduzir as novas tecnologias e novas concepções das ciências militares, não chegou aos pracinhas a possibilidade do uso de viaturas para a realização de ações táticas, apesar da dotação prever a possibilidade do deslocamento motorizado de um terço da tropa febianana.

As diferenças das duas doutrinas, francesa e americana-do-norte, ficaram circunscritas nas questões de poder de fogo e da mobilidade. Enquanto a francesa privilegiava a primeira, ao dotar a divisão de infantaria de mais peças de artilharia; a doutrina norte-americana, a segunda.

Destarte, a mobilidade ficava restrita à leveza da tropa, ou seja: redução de efetivo, adição de viaturas para as atividades logísticas e subtração de regimentos de artilharia, desconsiderando o uso de meios dotados de rodas para imprimir velocidade à tropa em operações táticas ou operacionais. Ou seja, não se percebem alterações nas bases estáveis de ambas as doutrinas.

O modelo norte-americano de doutrina ficou evidente em Montese, quando as operações tornaram-se mais dinâmicas e fluidas. A rigidez do acatamento irrestrito ao planejamento do escalão superior, preconizado pelos franceses, foi deixada de lado, prevalecendo a autonomia e o poder decisório do comandante da FEB, particularmente, quando as ordens de manter as posições em uma linha de alturas, emanadas em um dia, foram ultrapassadas pelo comandante da 1ª DIE, em dia posterior, que determinou a execução do aproveitamento do êxito, respectivamente nos dias 15 e 19 de abril e 21, assim como acontecido nos dias 25 e 26, quando decidiu deixar para trás as alturas que dominavam o corte do rio Panaro, conforme determinação dos escalões superiores, e retomar o aproveitamento do êxito e, em seguida, partir para a perseguição às tropas inimigas em franca fuga.

Ainda em pleno exercício da iniciativa e do desprendimento, características tradicionais entre os oficiais do Exército dos EUA, o general Mascarenhas de Moraes decidiu por aumentar a impulsão de suas tropas e, sem aquiescência de seus elementos enquadrantes, dotou a sua vanguarda de meios motorizados, retirando-os da sua Artilharia Divisionária.

A novidade de dotar a infantaria de viaturas motorizadas para a execução táticas de perseguição e de ataque às localidades de Collecchio e Fornovo di Taro ficou caracterizada pela surpresa demonstrada pelos generais norte-americanos, que tinham em sua própria doutrina nacional a possibilidade do uso de meios motorizados oriundos de uma unidade especializada ou por meio da adjudicação dos meios de sua própria artilharia.

Portanto, após estudar a evolução da doutrina militar do Exército Brasileiro, de 1822 a 1945, verificar a organização e a constituição da Força Expedicionária Brasileira, em 1943, e descrever as ações táticas e operacionais desencadeadas pela 1ª Divisão de Infantaria brasileira, sob o comando do general João Batista Mascarenhas de Moraes, desde a localidade de Montese até Susa, no Teatro de Operações da Itália, pode-se concluir que o comandante brasileiro inovou e, por conseguinte, contribuiu sobremaneira para a evolução da arte da guerra, ao dotar a infantaria expedicionária de meios motorizados, a fim de conduzir o seu escalão de reconhecimento e, posteriormente, o seu escalão de ataque para a execução das sucessivas ações táticas de perseguição, no itinerário Módena-Piacenza (balizado pela rodovia nº 9), e de ataque às localidades de Collecchio e de Fornovo di Taro.



BIBLIOGRAFIA

- ALBINO, Daniel. *A Dialética de doutrinas francesa e norte-americana no Exército Brasileiro: O caso da Força Expedicionária Brasileira*, 2015. 205 f. Dissertação [Mestrado em História Social] – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Departamento de Pós-Graduação em História. Rio de Janeiro: 2015.
- BABER, Richard. The Battle at Collecchio. *The Journal The Society of Twentieth Century Wargamers*. 2008. Acessado em 7 de Fev. 2020.
- BELLINTANI, Adriana Iop. *O Exército Brasileiro e a Missão Militar Francesa: instrução, doutrina, organização, modernidade e profissionalismo (1920-1940)*. 2009. 700 f. Tese (Doutorado em História Social) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade de Brasília. Brasília: 2009.
- BOND, Brian; ALEXANDER, Martin. Liddel Hart e De Gaulle: Doutrinas da Responsabilidade Limitada e da Defesa Móvel. In: PARET, Peter (Org.). *Construtores da Estratégia Moderna: de Maquiavel à Era Nuclear*, tomo 2. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2003.
- BRASIL. Ministério da Defesa. *Doutrina Militar de Defesa* – MD51-M-04. Brasília, MD: 2007a, 48 pp.
- BRASIL. Ministério da Defesa. *Glossário das Forças Armadas* – MD35-G-01. Brasília: MD, 2007b, 274 pp.
- BRASIL. Ministério da Guerra. *Relatório do Ministério da Guerra*, 1900. Disponível em: <http://migre.me/lGHPV>. Acessado em 20 jan. 2020.
- BRASIL. Ministério da Guerra. *Relatório Sigiloso da Força Expedicionária Brasileira*. Rio de Janeiro: Ministério da Guerra, 1945. v. 1.
- CASTELO BRANCO, Humberto de Alencar. *Marechal Castelo Branco: seu pensamento militar (1946-1964)*. Organização, extrato, notas e ilustrações de Francisco Ruas Santos. Rio de Janeiro: ECEME, 1968.
- COELHO, Edmundo Campos. *Em busca de identidade: o exército e a política na sociedade brasileira*. São Paulo: Record, 2000.
- DULLES, John W. F. *Castello Branco: the making of a Brazilian president*. College Station: Texas A&M University Press, 1978.
- FRAGOSO, Augusto. *A doutrina militar brasileira: bases para sua formulação*. Rio de Janeiro: ESG, 1959.
- HARGROVE, Hondon B. *Buffalo Soldiers in Italy: Black Americans in World War II*. Jefferson: McFarland & Co. Inc. Publishers, 1985.
- HOUSE, Jonathan M. *Combinação de Armas: a guerra no século XX*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2008.
- MASCARENHAS DE MORAES, J. B. *A FEB pelo seu Comandante*. Rio de Janeiro: Estabelecimento General Gustavo Cordeiro de Farias. 2005.
- MASCARENHAS DE MORAES, João Baptista. *Memórias*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2014.
- MCCANN, Frank D. *Soldados da Pátria: História do Exército Brasileiro 1889-1937*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- MEIRA MATTOS, Carlos. *O Marechal Mascarenhas de Moraes e sua época*. v. 1. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1983.
- NETO, Ricardo; MAXIMIANO, Cesar Campiani; BUJEIRO, Ramiro. *Brazilian Expeditionary Force in World War II*. Oxford: Osprey Publishing, 2011.
- PEREIRA, Guilherme Antônio Dias. *A FEB em marcha (Moto-mecanização)*. Artigos inéditos. Instituto de Geografia e História Militar do Brasil: Rio de Janeiro. 2016.
- SCHEINA, Robert L. *Latin America's Wars: the age of professional soldier (1900-2001)*, v. 2. Dulles: Potomac Books, Inc., 2003.



UNITED STATES OF AMERICA. U.S. War Departament. FM 100-5: *Field Service Regulations – Operations*. Washington: 1941.

VANDIVER, Frank E. *Black Jack: the life and time of John J. Pershing*. 2v. College Station: Texas A&M University Press, 1977.



Carlos Eduardo Gomes de Queiroz é coronel da Reserva Remunerada do Exército Brasileiro. Doutor em História, Estudos de Segurança e Defesa pelo Instituto Universitário de Lisboa-Portugal. Bacharel em Ciências Militares e em Administração; mestre em Operações Militares pela Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais e em Ciências Militares pela Escola de Comando e Estado-Maior do Exército. Atua como pesquisador de História Militar da Academia Militar de Portugal e integra o corpo docente da Escola Preparatória de Cadetes do Exército.